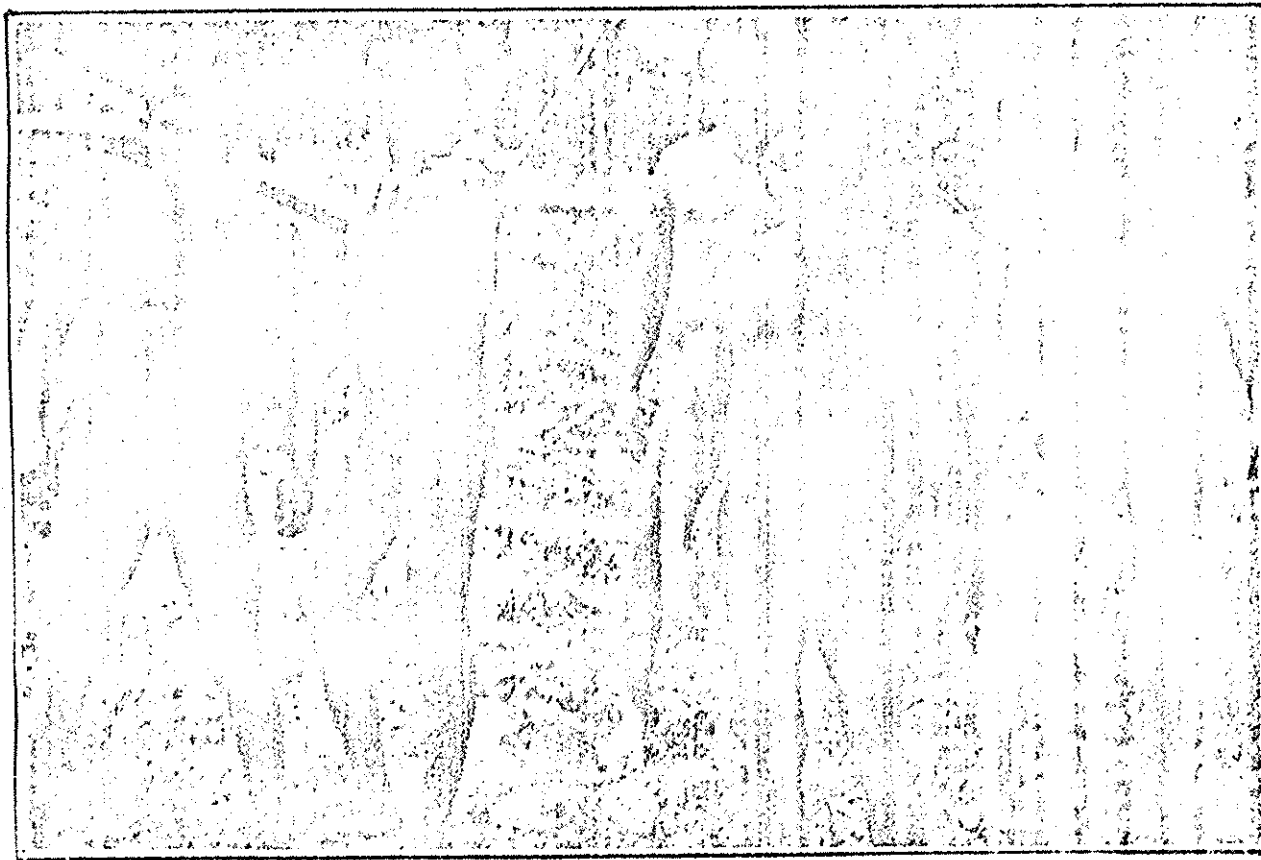


# Invasão da área dos Korubu provocou o massacre recente



Um grupo dos índios Korubu fotografado durante uma expedição.

Imprudência e afoiteza foram as principais causas que levaram o encarregado da fonia do acampamento da Petrobrás, Lindolfo Nobre Filho, e o técnico da Companhia Brasileira de Geofísica, João Praia Caldas, a serem trucidados pelos índios Korubu, a golpes de borduna, na última terça-feira. Esta é a opinião de uma fonte categorizada da Funai que conhece os hábitos dos Korubu, índios que tornaram-se agressivos depois que sofreram uma série de atentados mortais por parte de várias frentes de penetração, principalmente extrativistas de madeira. A Petrobrás, segundo a mesma fonte, cometeu um grave erro quando invadiu a área dos indígenas antes que eles fossem atraídos e pacificados. (Página 5)

**CEDI**

**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte:

*A. C. Silva*

Class.:

14

Data:

10.09.84

Pg.:

12

# Índios recusam presentes e matam dois a bordunadas



O sargento com o neto e na foto menor o mestre.

Após oferecerem presentes a um grupo de índios Kurubu, o sargento Lindolfo Nobre Filho (49 anos), da Funai, e o mestre João Praia Caldas (30 anos) foram massacrados a golpes de borduna diante de cerca de 60 trabalhadores da Companhia Brasileira de Geofísica, cujo acampamento fica localizado às margens do rio Itaquai, um dos afluentes do Javari, município de Atalala do Norte, onde a Petrobrás realiza trabalhos de prospecção. O massacre aconteceu às 16 horas de ontem, no primeiro contato dos Kurubu com civilizados.

Os corpos das vítimas chegaram ontem a Manaus, em avião da Cruzeiro, depois de terem sido transportados para Tabatinga em helicóptero da Petrobrás. No mesmo voo, chegaram outros trabalhadores da Companhia Brasileira de Pesquisas, subsidiária de uma empresa francesa, que testemunharam o massacre e ficaram aterrorizados.

"Tudo aconteceu em menos de cinco minutos e diante de todos nós, que nada pudemos fazer", declarou o encarregado da Equipe Sísmica "E-S 60", que não quis se identificar. Segundo ele, os índios se aproximaram do acampamento do rio Itaquai por volta de 15 horas e foram vistos pelos trabalhadores, que se reuniram assustados. Segundo determinação da Funai, o sargento Lindolfo Nobre Filho e o mestre João Praia Caldas começaram os preparativos para o primeiro contato com o grupo. Até a ocasião da aproximação, os trabalhadores da CBG contaram treze índios, mas observaram que havia outros escondidos no mato.

Fazendo gestos e gritando muito, os silvícolas permaneceram à vista dos trabalhadores até às 16 horas, quando Lindolfo e João Praia



O filho de Lindolfo ficou revoltado com a chacina.

foram ao seu encontro levando panelas, colheres e outros objetos usados como brindes para a atração de índios arredios. Os primeiros brindes foram aceitos, mas, logo em seguida, observou-se uma clima de animosidade e alguns índios passaram a jogar os objetos no chão, ao mesmo tempo em que começaram a puxar o sargento e o mestre pelos braços, procurando levá-los para o mato. De repente, outros índios cercaram o grupo, armados de bordunas e começaram o massacre, que durou poucos minutos. Em seguida, os índios entraram novamente na mata e desapareceram deixando os corpos das vítimas deformados pelos golpes de borduna. Caboclos da região garantem que os Kurubu são tão primitivos que ainda não conhecem o uso de arco e flecha. As bordunas são suas únicas armas e por isso eles também são conhecidos como "os cace-óiros".

## OS MORTOS

Lindolfo Nobre Filho era casado com Marilta Nobre e Nobre e deixou apenas um filho adotivo, Paulo Aristides, de 30 anos, que está transtornado com o ocorrido. Marilta, aparentando tranquilidade, explicou ao ser localizada no apartamento 205, de nº. 258, da Rua Dr. Almíno, que o marido sempre trabalhou como sertanista, atuando pelo 6º. BEC e pela empresa de pesquisa Hidrologia S/A., antes de passar para Funai, há 10 anos. O filho garante que quando houve o convite para ficar à disposição do CBG — com uma diária de 18 mil — o próprio delegado regional do órgão, Aldo Costa, insistiu com Lindolfo para que não aceitasse. O sertanista esteve em Manaus pela última vez há dois meses, voltando para o rio Itaquai no dia 2 de agosto passado. No domingo anterior, tinha participado do batizado do neto e tirou sua última fotografia.

João Praia Caldas era ex-funcionário da Funai e foi contratado pelo CBG para ajudar Lindolfo no trabalho junto aos Kurubu. Ele é de uma família de 12 irmãos e antes de viajar para o rio Itaquai trabalhava como vendedor da firma S. Monteiro, residência em Manaus na Colônia Oliveira Machado, Beco Santo Antônio s/n. A família recebeu a notícia na manhã de ontem e a mãe, Josefa Caldas, teve um ataque cardíaco e está internada numa clínica em estado grave.

Ontem à noite, os corpos, depois de submetidos a autópsia no Instituto Médico Legal, foram veiaados no necrotério da funerária Almir Neves, na Avenida Joaquim Nabuco, onde cenas de desespero foram protagonizadas por parentes e amigos.

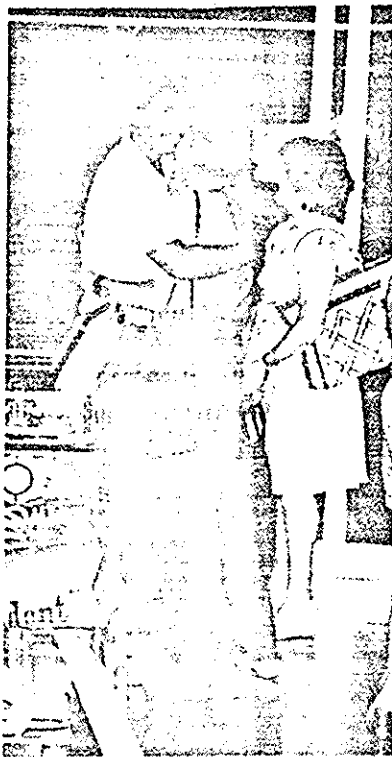
Ontem à tarde, na chegada do voo da Cruzeiro que trouxe os corpos das vítimas de Tabatinga, o técnico em computação André Júnior Costa de Souza e um outro funcionário da CBG, que trabalham no acampamento do rio Itaquai, não quiseram dar maiores detalhes do massacre, alegando que estavam "muito cansados" da viagem. André foi recebido pelos pais com grande alegria e alívio, diante das notícias da chacina. O movimento no Aeroporto Eduardo Gomes, surpreendeu os outros passageiros, que nada sabiam sobre o caso. A esposa do encarregado da Equipe Sísmica da CBG na área do massacre só tomou conhecimento do ocorrido com as perguntas dos repórteres, que cercaram o marido procurando informações. O encarregado afirmou que o mestre João Praia não era funcionário da empresa, e sim da Funai, desmentindo os familiares da vítima, que declararam exatamente o contrário.



Marilta, a esposa do sertanista.



O encarregado da CBG assistiu o massacre.



A família na chegada de um técnico de CBG.



André Luiz, recebido pelos pais.